

XIV DOMINGO COMUM A

UMA PAUSA NO VERÃO:



PÕE DE MOLHO O TEU CORAÇÃO!

RITOS INICIAIS

Monição inicial: *Uma pausa no verão: põe de molho o teu coração.* Dito de outro modo, Jesus deixa-nos o convite: “*Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei!*”! Viemos até Ele, em resposta ao Seu convite! Sob o peso da nossa fragilidade, mas também na leveza da graça, que nos salva. Na alegria deste encontro com o Senhor, à volta da Sua mesa, confiemo-nos, desde já, à Sua misericórdia, para encontrarmos n’Ele a mansidão do coração, o refúgio sereno e a paz verdadeira.

Ato penitencial

- P.** Senhor, Rei humilde, que vindes ao nosso encontro trazendo-nos a Paz, sem vencedores e sem vencidos, Senhor, tende piedade de nós!
- R.** Senhor, tende piedade de nós!
- P.** Cristo, Manso e humilde de coração, que nos acolheis e amparais na nossa fragilidade, Cristo, tende piedade de nós!
- R.** Cristo, tende piedade de nós!
- P.** Senhor, Filho de Deus, por Quem o Pai nos dá a conhecer o Seu Amor, Senhor, tende piedade de nós!
- R.** Senhor, tende piedade de nós!

Hino do Glória: Com Jesus, pela força do Espírito Santo, bendigamos o Pai, Senhor do Céu e da Terra...

Oração coletiva

LITURGIA DA PALAVRA

Homilia no XIV Domingo Comum A 2023

1. *“Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração”* (Mt 11,29). Eis o desafio à terceira bem-aventurança: a da mansidão (Mt 5,4). Temos dela a mais bela imagem, na entrada de Jesus em Jerusalém, profetizada por Zacarias: *«Aí vem o teu Rei, ao teu encontro, [vitorioso, justo e] manso e montado num jumentinho»* (Mt 21, 5; cf. Zc 9, 9) e não armado ou montado num cavalo de guerra. Esta é, de todas as oito bem-aventuranças, talvez a menos valorizada, mas seguramente uma das mais urgentes, neste mundo, que, *“desde o início, é um lugar de inimizade, onde se litiga por todo o lado, onde há ódio em toda a parte, onde constantemente classificamos os outros pelas suas ideias, os seus costumes e até a sua forma de falar ou vestir”* (GE 71). Esta bem-aventurança contrapõe-se *“ao reino do orgulho e da vaidade, onde cada um se julga no direito de elevar-se acima dos outros”* (GE 71). Uma das coisas que mais salta à vista, neste tempo pós-pandemia, é que as pessoas se tornaram mais agressivas na linguagem, com du(r)as pedras na mão; mais brutas no trato e com uma pedra no sapato. Sentimos as pessoas mais tensas, mais agitadas e impacientes, mais arrogantes e violentas. Talvez pelo excesso de trabalho e de produção, pelo esgotamento, pela pressão constante em darmos mais, tornamo-nos hoje pessoas irascíveis, zangadas, aborrecidas, quezilentas, mal-humoradas. Mas se vivermos assim, acabaremos ainda mais cansados e exaustos. Pelo contrário, se aprendermos de Cristo a mansidão, encontraremos descanso para as nossas almas (Mt 11,29)!

2. O mundo de hoje precisa de pessoas adultas e mansas. A mansidão caracteriza a vida de uma pessoa madura, neste tríplice sentido:

2.1. em 1.º lugar, o manso é mais forte do que a sua própria força, e por isso autorregula-se, controla-se a si mesmo, domina-se a si próprio, mesmo quando é provocado; o manso renuncia, pela força interior, a toda a forma de violência.

2.2. em 2.º lugar, o manso é mais poderoso do que o seu poder e, por isso, renuncia à prepotência, domina o seu instinto de posse dos outros; recua de si mesmo para dar espaço aos outros; o manso não se impõe, nem sequer na fé (1 Pe 3,16), mas propõe e propõe-se, deixando o outro ser quem é;

2.3. em 3.º lugar: o manso é mais livre que a sua liberdade, sabe dispor de si e da sua vida e não pretende abusar da vida ou gozar da liberdade dos outros. O manso goza de uma liberdade mais livre que a sua livre vontade. Tal mansidão, em conclusão, não é sinónimo de debilidade ou de fraqueza de carácter, não é próprio de um espírito insensato, estúpido e frágil, mas sinal da maturidade humana, de uma pessoa que se torna humilde, doce, afável, calorosa, gentil.

3. “Reagir com humilde mansidão” (cf. GE 71) é hoje um dos mais urgentes testemunhos de santidade! Neste tempo, de tensões, de violências, doméstica e social, de uma guerra mundial em pedaços, tempo em que tanto ansiamos pela paz, *usar de mansidão* significa pôr no lugar da malícia a inocência, [pôr] no lugar da força o amor, [pôr] no lugar da soberba a humildade, [pôr] no lugar do prestígio o serviço; significa preferir o mel ao fel, [preferir] a simplicidade à exuberância, [preferir] a humildade à arrogância, [preferir] a mansidão à violência, [preferir] o perdão à vingança, [preferir] a ternura à agressividade, [preferir] a docilidade à dureza, [preferir] a gentileza à rudeza, [preferir] a escuta à acusação, [preferir] a unidade ao conflito. Na prática, não queiramos ter a última palavra na discussão, não respondamos ao mal com o mal, cuidemos dos mais vulneráveis. Só um coração manso e humilde desarma as resistências e violências dos que se aproximam de nós zangados com a vida!

Irmão e irmã: se te sentes longe da Bem-aventurança da mansidão, faz uma pausa no verão: *põe de molho* o teu coração. Fá-lo descansar no coração manso e humilde de Cristo! São férias no Paraíso desta Terra Prometida e, ainda por cima, a custo zero! Vai até Ele e gozarás de imensa paz [cf. Sl 37(36),10].

Oração dos fiéis

P. Ao nosso Deus e nosso Rei confiamos as preces do Seu povo, por intercessão de Seu Filho.

1. Pela Santa Igreja, em processo sinodal: para que renuncie a todas as formas de prepotência e se torne uma larga tenda e um porto de acolhimento seguro, para todos os peregrinos, cansados, feridos e oprimidos da vida. Oremos, irmãos.
2. Pelos quatro jovens que recebem, este domingo, a ordenação sacerdotal, para o serviço da nossa Diocese: para que sejam pastores segundo o coração de Cristo. Oremos, irmãos.
3. Pelos que governam: para que se tornem construtores humildes da paz entre as nações e assim a justiça chegue até aos confins da Terra. Oremos, irmãos.
4. Pelos que andam cansados e abatidos, desiludidos e zangados: para que encontrem no coração manso e humilde de Cristo a tranquilidade, a paz e a consolação. Oremos, irmãos.
5. Pelo bom êxito da Jornada Mundial da Juventude: para que ofereça e facilite a todos os participantes a experiência da beleza e da alegria da fé, vividas na comunhão com Cristo e com a Sua Igreja, para a transformação deste mundo. Oremos.
6. Por todos nós, aqui presentes: para que saibamos responder ao mal com o bem, com a mansidão humilde do coração. Oremos, irmãos.

P. Senhor, manso e humilde de coração, que infundis o Espírito que dá Vida, fazei-nos viver segundo o mesmo Espírito, para trilharmos juntos a estrada da mansidão e da paz. Vós que sois Deus com o Pai, na unidade do Espírito Santo.

R. Ámen.

LITURGIA EUCARÍSTICA

Apresentação dos dons | Oração sobre as oblatas | Prefácio Comum IV | Oração Eucarística II | Ritos da Comunhão

RITOS FINAIS

Agenda pastoral

1. Este domingo, 9 de julho, às 16h00, na Igreja Catedral do Porto, são ordenados presbíteros (padres), pelo bispo do Porto, quatro diáconos da diocese do Porto: **Bruno Miguel Coelho Aguiar**, de Moreira da Maia; **Pedro Manuel Lopes da Cunha**, de Besteiros, Paredes; **João Miguel Moreira Azinheira**, de S. João da Madeira; **Filipe Ramos dos Santos**, de Malta, Vila do Conde.
2. Inscrições no 1.º ano da Catequese, ou pela primeira vez, até 31 de julho, presencialmente na Secretaria Paroquial:
Senhora da Hora: de segunda a sábado, das 15h00 às 19h00;
Guifões: terças, quartas e quintas, das 17h00 às 19h00.
3. Horários das Missas, em julho:
Senhora da Hora: terças, quartas, sextas e sábados, às 19h00. Aos domingos, às 11h00 e 19h00.
Guifões: na Igreja Matriz: quintas, às 19h00; sábados, às 17h30; na Igreja da Sagrada Família, domingos, às 09h00.
4. No sábado, dia 29 de julho, não há qualquer missa vespertina em Guifões ou na Senhora da Hora. Somos todos convocados para uma mega concelebração, presidida pelo Bispo da nossa Diocese, no Parque da Cidade – Porto, às 11h00 da manhã. Será concelebrada por 37 bispos e muitos sacerdotes da diocese e de grupos vindos do estrangeiro. Somos

convidados a levar farnel, para passar lá toda a tarde, em convívio paroquial e diocesano.

5. Sugerimos às famílias, que se disponibilizem para a oferta de um jantar a algum ou alguns dos peregrinos internacionais da JMJ, na última semana de julho (pré-jornadas ou «dias da diocese»). Tornem-se “famílias acolhedoras”, “famílias de repasto”.
6. Durante estes dias, a terça-feira, dia 25, à noite, será para dar a conhecer a Paróquia e os seus grupos. Na quinta-feira, dia 27 de julho, haverá um “arraial” no Parque das Sete Bicas, promovido pelos Caminheiros do Agrupamento 521. Reservem esta data para jantar lá com os jovens estrangeiros que estão entre nós. Na sexta-feira, à noite, na Cripta, teremos sarau cultural, com Cavaquinhos, Rancho folclórico e Tuna.

Bênção

Despedida

P. Que esta graça do repouso no Senhor vos torne mansos e humildes de coração.


Diácono: Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

R. Graças a Deus.

Oração para a Bênção da mesa | XIV Domingo Comum A 2023

Senhor,
manso e humilde de coração:
entra em nossa casa,
abençoa e preside à nossa mesa,
livra-nos das palavras duras,
dos gestos agressivos,
da falta de gentileza.
Pacífica e serena o nosso coração
agitado, cansado, irritado.
Faz-nos família de pessoas simples,
acolhedoras, amáveis e afáveis.
Ámen.

ORAÇÃO DE BÊNÇÃO DA MESA
DOMINGO XIV DO TEMPO COMUM



Senhor,
manso e humilde de coração:
entra em nossa casa,
abençoa e preside à nossa mesa,
livra-nos das palavras duras,
dos gestos agressivos,
da falta de gentileza.
Pacífica e serena o nosso coração
agitado, cansado, irritado.
Faz-nos família de pessoas simples,
acolhedoras, amáveis e afáveis.
Ámen.

Pe. Amaro Gonçalves



HOMILIAS
EM ANOS ANTERIORES

HOMILIA NO XIV DOMINGO COMUM A 2020

«*Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos
e Eu vos aliviarei*» (Mt 11, 28).

1. Neste 1.º domingo de julho, quem poderá sentir-se excluído deste convite? O Senhor sabe quanto cansaço pesa sobre todos nós, no final de um ano letivo, pastoral e laboral, tão surpreendente e tão exigente. E pesam ainda mais as incertezas e as preocupações quanto ao futuro, a breve, a médio e a longo prazo.

2. A primeira coisa a fazer é sair de si mesmo; é não se deixar “afogar” ou “asfixiar” na tristeza que desmoraliza, no lamento que vitimiza, no fechamento que isola e nos enrola sobre nós mesmos e sobre os nossos problemas. Pelo contrário, Jesus quer tirar-nos destas “areias movediças” e, portanto, diz a todos e a cada um: «Vinde. Vem. Sai daí, sai de ti mesmo».

3. Mas ir e sair, para onde? Que destino procurar, para encontrar o repouso esperado? Jesus indica-nos para onde ir: “*Vinde a Mim*”. Por isso, vamos até Ele. É Ele o nosso destino paradisíaco. Na verdade, por esta altura muitos destinos de sonho parecem adiados, com fronteiras fechadas e o medo do contágio e a crise a cortar-nos as asas. Mesmo sem a ameaça da COVID-19, nós sabemos bem que muitos programas de férias são ilusórios: prometem alívio e distraem um pouco mas, por fim, deixam-nos perdidos e aterrados na mesma solidão anterior. São “fogos de artifício” que não satisfazem. Na verdade, o homem novo, animado pelo Espírito de Deus, “*não tem necessidade – nas suas férias – de falsos infinitos ou de superlativos do mais*

belo, do maior e do mais emocionante” (São João Paulo II, *Homilia*, 12.5.1991). Sair ao encontro de alguém pode ser a melhor forma de sair. Procuremos falar com alguém que nos escute, com um amigo, com um perito na matéria... Mas não esqueçamos de ir até Jesus! Não esqueçamos de nos abrimos a Ele e de Lhe contarmos a nossa vida, de Lhe confiarmos as pessoas e as situações. E Jesus dir-te-á: *“Coragem, não sucumbas sob o peso da vida, não te feches diante dos teus medos e dos teus pecados, mas vem a Mim”!*

4. Ele espera por nós, espera-nos sempre, não para resolver magicamente os nossos problemas, mas para nos tornar mais fortes em relação a eles. Jesus não nos tira os pesos da vida, mas liberta-nos da angústia do coração; não nos suprime a cruz, mas carrega-a juntamente connosco. E, com Ele, todo o peso se torna leve (cf. *Mt 11,30*), porque Ele é o repouso que nós buscamos e porque *“quem anda no amor não cansa nem se cansa”* (Santa Teresa de Jesus). Quando Jesus entra na nossa vida chega a paz, aquela paz que permanece também nas provações, nos cansaços, sofrimentos e aflições.

5. Irmãos e irmãs: nestes meses de verão, em que procuramos descanso para o nosso corpo, encontramos no Senhor o repouso verdadeiro para as nossas almas. No Seu coração manso e humilde, encontraremos o refúgio e a paz. O programa de férias de Jesus é este: *“Vai para fora cá dentro; vem a Mim”*. E tudo isto a custo zero!

Homilia inspirada em Papa Francisco, *Angelus*, 9.7.2017

HOMILIA NO XIV DOMINGO COMUM A 2017

1. Exulta de alegria a Diocese do Porto, solta brados de júbilo a “*filha de Jerusalém*”! O Senhor vem ao nosso encontro, não *montado em cavalos de guerra*, exibindo o poder e a força das armas, mas na humildade e na mansidão do serviço aos outros, a que se entregam os novos diáconos e presbíteros ordenados este domingo na Sé. Medito a Palavra de Deus, deste domingo, com os olhos postos neles e naqueles que, por estes dias, celebram os seus aniversários ou jubileus sacerdotais. E penso então que se me fosse permitido “*recomendar*” alguma coisa a mim mesmo ou a um qualquer jovem aprendiz de pastor, seria precisamente a de começarmos por pôr em prática a terceira bem-aventurança: a dos “*mansos de coração*” (Mt 5,5).

2. É, de todas, a bem-aventurança que mais me toca, porque é aquela que mais luta me dá, aquela que mais exige de mim, aquela que mais tenho de reaprender, no acolhimento afável de quem se aproxima e me bate à porta, no diálogo atento e paciente com quem me aborda, nem sempre com as motivações tão justas e tão esclarecidas quanto desejaría! É a mansidão de coração que me defende, como pobre homem de Deus, da rigidez, da dureza e de qualquer forma de soberberia. E não é fácil convenceremo-nos disto, de que nunca resulta a agressividade, a aspereza, a altivez, de que “*a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes, que não precisam de maltratar os outros para se sentirem importantes*” (EG 288). Só o coração manso e humilde pode desarmar as variadas resistências, por parte dos que nos olham e nos abordam e, quantas vezes, se aproximam de nós “*com duas pedras na mão*”. E dar a outra face é vencer o mal com o bem, a amargura com a docilidade, a arrogância com a humildade.

3. Esta imagem tão sugestiva do Messias que troca os cavalos de combate pelo seu humilde e manso "*burrinho de carga*" (Zc 9,9-10; Mt 21,4; Jo 12,15), desafia-nos a todos, aos pastores e aos fiéis, aos cidadãos e aos políticos, aos candidatos e aos eleitores, em *tempos quentes* do combate eleitoral, a não cedermos à agressividade, a não cairmos na tentação de "*falar de cima da burra*", de nos pormos em bicos de pés, pois o que devemos, em primeiro lugar, é aprender a "*descalçar os pés diante da terra sagrada do outro*" (EG 169, cf. Ex 3, 5).

4. No final de um ano pastoral, laboral, escolar, talvez nos sintamos mais cansados, com os "*nervos à flor da pele*", já sem grande paciência para "*aturar*" ou "*suportar*" os que se aproximam de nós, a pedir ou a reclamar alguma coisa. Por isso, reconquistar a *mansidão de coração* exige também aprender a *repousar* no Senhor! Também a nossa fadiga é preciosa aos olhos de Jesus, que assim nos acolhe e nos faz levantar o ânimo: «*Vinde a Mim todos os que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei*» (Mt 11,28).

5. Na verdade, a mansidão do coração não é instintiva; ela exige uma imersão e uma conversão do coração, em sintonia com o coração do Bom Pastor, que, humilhado, não respondia palavra e ferido tampouco se queixava (cf. 1 Pe 2,22-23). Precisamos de haurir continuamente do Coração manso e humilde do Senhor esta mansidão, para não exasperar com ninguém, nem desesperar com nada, porque em tudo e sempre a nossa vida está ancorada no Seu amor. Sem esse "*banho de imersão*", nas fontes de água viva, que brotam do Coração de Jesus, tampouco alcançaremos a mansidão e a paz! *Mortos de cansaço*, prostremo-nos em adoração, e digamos simplesmente, em oração: *Senhor, por hoje basta!* E assim vivamos o repouso deste tempo de verão, guiados pelo sopro do Espírito Santo, que é *descanso na luta e na paz encanto, no calor é brisa e conforto no pranto* (cf. Sequência do Pentecostes)!

HOMILIA NO XIV DOMINGO COMUM A 2014

“Vós não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito” (Rom.8,9)

1. Isto parece-nos um aviso de mau gosto, em tempo de férias, com o mundial de futebol a aquecer e tanta festa popular, por aí, onde não faltam o porco no espeto, a carne na brasa, o chouriço no pão! Viver assim “sob o domínio do Espírito” parece-nos uma proposta ultraradical, relativamente ao “espírito da época estival”. Mas passemos ainda os olhos pelos vários “programas de férias”, que a recente indústria do tempo livre nos oferece, e ficaremos com a impressão de que também aí “o Espírito fica esquecido e prisioneiro em nossa própria casa”! É o corpo ou a carne, é a pessoa na sua fragilidade e aparência, o alvo preferencial do mercado dos tempos livres! Todos nos querem tratar da saúde, nem que para isso, tenhamos de vender a alma ao diabo! O tempo livre do Verão é um tempo sufocado “pelo domínio da carne”, do desejo descontrolado, dos excessos de consumo, da diversão egoísta e irresponsável!

2. Por isso, ao contrário do que seria de esperar, tampouco é “o corpo que descansa”; é antes «o corpo que paga» o preço desta ilusão! Numa palavra, o Espírito parece não encontrar livre o seu espaço, em nós! E, sem Ele, o tempo livre não liberta. Por isso, viver esta época, sob “o domínio do espírito”, é libertar o tempo livre dos excessos, que conduzem à destruição e à morte; é libertá-lo daquela diversão, que não passa de distração! Só cuidando do espírito, é que o corpo descansa e o tempo livre liberta!

3. Aproveitemos, pois, a hospitalidade de Cristo, que é de graça! “Vinde a mim, todos vós que andais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei”. Só n’Ele o cansaço das horas e a opressão dos dias pode dar lugar ao gozo e ao repouso. Libertemos tempo, para Ele. E encontraremos o tempo livre que nos liberta!

Homilia no XIV Domingo Comum A 2011

**“Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos
e Eu vos aliviarei”!**

É o próprio Cristo que, neste domingo de Verão, nos desafia a entrar n’Ele, a repousar n’Ele, a sossegar n’Ele, a saborear n’Ele o mistério profundo do seu doce amor por nós! De facto, só Ele conhece o que há em nós. E porque “*Deus é maior do que o nosso coração*”, só Ele pode dar resposta às nossas inquietações, dores, esperanças e sofrimentos. Só n’Ele o nosso desejo de paz se cumpre plenamente. Só n’Ele o cansaço das horas e a opressão dos dias pode dar lugar ao gozo e ao repouso. «***Fizestes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansa enquanto não repousa em Vós***»! (Sto. Agostinho).

Ao iniciar o tempo das férias, este apelo de Jesus pede uma resposta concreta, no sentido de partirmos firmes ao seu encontro. E põe-nos perante o desafio de viver o tempo livre, contemplando a criação com olhos límpidos e cheios de admiração, gozando essa beleza, sem lhe alterar o seu equilíbrio. Trata-se de aprender a louvar a Deus, pelas coisas mais simples que coloca nas nossas mãos: o sol e a sombra, a água e os frutos, os amigos e a família.

Colocar-se nesta perspectiva de louvor, mesmo no meio de circunstâncias adversas, é talvez o melhor anti-depressivo que se pode tomar. Quando nos detemos no louvor, libertamo-nos do jugo servil do trabalho e do peso esmagador das preocupações de cada dia. Então o próprio descanso se torna experiência de libertação interior, de repouso sossegado, de gozo agradecido, de silêncio orante, de convivialidade cada vez mais próxima e amiga com Deus.

Na verdade, o homem novo, animado pelo Espírito de Deus, **“não tem necessidade de falsos infinitos ou de superlativos do mais belo, do maior e do mais emocionante”** (João Paulo II), fugindo da realidade dura da vida, com ilusões vendidas a preços de loucura.

Precisa apenas de encontrar pouso e repouso, no coração manso e humilde de Cristo! É coisa para a qual não se precisa de crédito. Basta passar cartão a este Amigo, que não leva nada por nos acolher em sua casa. Vamos até Ele, cheios de fé e de alegria!

Homília no Santuário de Nossa Senhora da Assunção 2011

XIV Domingo Comum A

“Exulta de alegria, filha de Sião; solta brados de júbilo, filha de Jerusalém!”

(Zac.9,9)

1. Tal convite à alegria, dirigido pelo Senhor, à *Filha de Sião*, fixa, de imediato, o olhar da nossa fé, na figura excelsa da Virgem Maria, que aqui nos conduz para Cristo e, com Ele e por meio d’Ele, nos leva e eleva para o Pai, que está nos Céus. A Mãe de Jesus é, verdadeiramente, e em pessoa, a *“Filha de Sião”*! Ela vive de tal modo, que se torna um lugar para Deus, verdadeira *“arca da aliança”*, ventre da Palavra semeada por Deus. Por isso, ela mesma, Maria, pôde escutar, de viva voz, e precisamente dirigidas a si, as mesmas palavras que escutávamos neste anúncio à Filha de Sião: *«Alegra-te»* (Lc.1,28). É o convite à alegria mais profunda, à nova alegria, que provém de Deus, da sua graça.

2. Mas também a oração de louvor, cantada por Jesus, no evangelho de hoje, atira o nosso olhar, para a Mãe do Senhor! Ouvíamos Jesus rezar, como que o seu *«Magnificat»*: *«Eu te bendigo ao Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondestes estas verdades aos sábios e aos inteligentes e as revelastes aos pequeninos»*. Certamente, entre os que acolhem, na fé, a Palavra, e a meditam, interiorizam e vivem, destaca-se a figura de Maria.

Se pudermos imaginar o pequeno resto, dos *«simples e humildes»*, dos *«pequeninos»*, dos *«verdadeiros pobres»*, que estavam diante de Jesus e eram a sua alegria, teremos de realçar a figura de Maria de Nazaré. Não é difícil ver,

como Maria se distingue, entre os verdadeiros pobres, os mais simples e humildes, que tudo fiam e confiam em Deus.

3. Não menos interessante é a semelhança entre as palavras rezadas por Jesus e as que são proclamadas por Maria! (Ou não tivesse Jesus aprendido com Maria a rezar!) Também Maria exclama: «*A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador*». E os motivos de louvor, no seu Magnificat, são precisamente os mesmos que brotavam na exultação do coração de Cristo: porque a misericórdia de Deus se manifesta aos mais «*humildes*», aos «*famintos*», aos «*pobres*».

4. Caríssimos irmãos e irmãs: A partir daqui descobrimos, entre Jesus e Maria, uma verdadeira harmonia, neste coro do louvor perfeito; há mesmo entre o Filho e a Mãe, uma plena sintonia do coração! O coração de Maria e de Jesus afinam pela mesma nota, de alegria, de gratidão e de louvor, perante as maravilhas de Deus, em favor dos mais pequenos.

5. Por isso, diríamos que o convite final de Jesus a ir até Ele, a pousar e repousar no seu coração, tem implícito também o desafio a refugiar-se no coração imaculado de sua Mãe, Maria. De certo modo, se queremos sentir bater o coração de Jesus, precisaremos primeiro de encostar o nosso coração ao coração de Maria.

Que Maria, nos conduza ao coração manso e humilde de seu Filho. Deste modo, receberemos alegria, consolação e fortaleza, para tomar aos ombros a carga do irmão, e assim tornarmos mais suave o jugo da vida de cada um!

Santuário de Nossa Senhora da Assunção

03.07.2011

Homilia no XIV Domingo Comum A 2008

(transmissão pela Rádio Renascença)

**“Vós não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito,
se é que o Espírito de Deus habita em vós”!**

(Rom.8,9)

1. É São Paulo que nos fala hoje, ao vivo, a partir da sua grande luta interior! Ele travou, no mais íntimo de si, este combate incessante, entre “o domínio da carne” que nos diminui e escraviza, e o “senhorio do Espírito” que nos eleva e liberta! Ou, como dirá Simon Weil, o Apóstolo experimentou aquela “tensão” dolorosa entre “*esta força de gravidade*” da nossa natureza frágil, que nos inclina para o chão da miséria, e o “*impulso da graça*” de Cristo, que nos atrai para o alto! Nesta luta, sem tréguas, e porque «*a carne é fraca*» (Mt.26,41), só “o Espírito, que ressuscitou Jesus de entre os mortos” (Rom.8,11), pode libertar-nos do peso do pecado, desta *força de gravidade*, destruidora e mortal, para nos tornar senhores de nós mesmos, homens verdadeiramente livres, vivos e para os outros! De certo modo, Paulo lembra-nos que o Homem novo, habitado pelo Espírito, não pode viver sob “o império dos sentidos”, mas há-de viver «*sob o domínio do espírito*».

2. Viver “*sob o domínio do Espírito*” é, pois, uma proposta bem radical, para este Verão! Ela vem em contra-mão, relativamente ao “*espírito da época estival*”. Passemos os olhos, pelos vários “*programas de férias*”, que a recente indústria do tempo livre nos oferece, e ficaremos com a impressão de que “o Espírito fica esquecido e prisioneiro em nossa própria casa”, para nos entretermos, por algum tempo, e, lá por fora, apenas, a tratar do “nosso corpo”! É o corpo ou a carne, é a pessoa na sua fragilidade e aparência, o alvo

preferencial do mercado dos tempos livres! Dá a impressão que o tempo livre do nosso Verão é realmente um tempo sufocado “*pelo domínio da carne*”, do desejo descontrolado, dos excessos de consumo, da diversão irresponsável!

3. Vemos quanto os anúncios de um “*paraíso a saldo*”, ali tão perto e tão raso, aumentam ainda mais angústia de quem sente não ter “*asas*” para lá chegar! Por outro lado, os que se deixam «*guiar*» à risca, em todo o seu tempo livre, controlados pelos “*profissionais do lazer*,” sem espaço pessoal, e sem tempo para a imaginação e criatividade, esses chegam ao fim, mais cansados e desiludidos; sentem-se traídos pelas propostas e respostas, que não compensam, porque não dão o que prometem! Tornam-se mesmo em cativo de expectativas goradas e de energias perdidas! Por isso, ao contrário do que era de esperar, tampouco é “*o corpo que descansa*”; é antes «*o corpo que paga*» o preço desta ilusão! Numa palavra, o Espírito parece não encontrar livre o seu espaço, em nós! E, sem Ele, o tempo livre não liberta!

4. Por isso, viver esta época, sob “*o domínio do espírito*”, é libertar o tempo livre do controle absoluto dos programadores de férias; é libertar o tempo livre dos excessos, que conduzem à destruição e à morte; é libertá-lo daquela diversão, que não passa de distração! Da distração organizada, devemos passar para uma nova organização da atenção: maior atenção ao mundo dos outros, com mais tempo para o próximo; maior atenção a si mesmo, através do retiro, do silêncio e da oração, para alcançar um arejamento interior, que permita ao Espírito de Deus respirar, circular e agir em nós! Só cuidando do espírito, é que o tempo livre acrescenta vida à nossa vida.

5. O tempo livre, um tempo tão útil para fugir do útil, não seja um tempo fútil, mas um tempo libertado e libertador, para criar, imaginar, expressar-se,

aproximar-se, alegrar-se, a começar com o gozo dos dons mais simples, que Deus dispõe, na abundância!

Na verdade, o homem novo, animado pelo Espírito de Deus, precisa sobretudo de encontrar a verdadeira paz, o pousar e repouso, no coração manso e humilde de Cristo! É uma proposta, para a qual não é preciso recorrer ao crédito. Basta “*passar cartão*” a este Amigo, que não leva nada, por nos acolher na casa dos nossos sonhos e desejos, que é o seu coração! A todos nos chama, desde já, e de graça, para a mesa, da partilha, do gratuito, do louvor e da festa! Vamos até Ele, cheios de fé e de alegria!

Homilia no XIV Domingo Comum A 2005

Exulta de alegria, filha de Sião; solta brados de júbilo, filha de Jerusalém (Zc.9,9).

1. Faz-nos bem, neste primeiro dia da semana, acolher, de bom grado, o anúncio da alegria messiânica, o convite a entrar na alegria do Senhor. 'A filha de Sião', imagem da Igreja, que aguarda o Senhor em jubilosa esperança, bem pode cantar e vibrar de alegria, ao receber de mãos abertas, o seu Rei e Messias, humildemente escondido na Eucaristia!

Vimos aqui, estamos em Eucaristia, respondendo ao convite do Senhor, que nos chama à sua presença, a entrar e a repousar no seu coração, manso e humilde, para nos encher e preencher da sua alegria!

Sabe-nos bem, depois de uma atribulada semana, com os índices de pessimismo nacional no topo e com o IVA dois pontos percentuais acima, sair do lamento e da lamúria, para nos abrimos ao louvor e ao agradecimento.

Reunimo-nos, neste dia do Senhor, para celebrar e cantar a alegria do coração habitado por Deus, a alegria da criação e da nossa salvação.

Vimos, para nos unirmos àquela acção de graças que Jesus dirige ao Pai; na Eucaristia, associamo-nos ao seu «obrigado», para dar graças, sempre e em toda a parte, para jamais esquecermos Deus, fonte e origem de todos os bens!

Vimos, afinal, aqui, cada domingo, para celebrar e saborear a alegria do encontro fraterno e da nossa amizade em Cristo, para compartilhar a alegria,

recebida como dom de Deus e para que, em Cristo, a nossa alegria seja completa (Jo.15,11).

2. Também o próprio Jesus, nos faz entrar na alegria de Deus. “*Estremecendo de alegria, sob a acção do Espírito Santo*” (Lc.10,21), ele canta o seu Hino de louvor: «***Eu te bendigo ao Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e a revelaste aos pequeninos***» (Mt.11,25). É o mais belo canto do amor filial de Jesus, jamais entoado na Terra. Jesus está grato a Deus, pela sua existência entre os homens; é-lhe grato pela vida, grato pelos outros, grato pela fé dos simples.

3. Queridos irmãos e irmãs: Jesus, ao mesmo tempo que se alegra e dá graças ao Pai, abre também as riquezas do seu coração à divina compaixão pelos homens, pelos cansados e oprimidos filhos de Eva! «*Vinde, a mim, todos os que andais cansados e oprimidos*». O mesmo coração alegre de Jesus, que dá graças ao Pai, é o coração solidário do Senhor, sobre o qual será desferida a lança da Cruz.

4. Podíamos traçar, a partir do espírito da Liturgia deste Domingo, três atitudes, que verdadeiramente nos ajudem a melhor celebrar e viver a Eucaristia:

Em primeiro lugar, a atitude de **acção de graças**. A Eucaristia é, por definição, acção de graças (Sugestões, AE 25). Saibamos ser gratos e estar gratos a Deus. Saibamos, como Jesus, louvar o Pai, dar-Lhe graças, por tudo, sempre e em toda a parte; não só pelos dons recebidos, mas mesmo em ocasiões de dor e de prova. É urgente que isto se faça, sobretudo na nossa cultura, que respira o esquecimento de Deus! (MND 26).

Em segundo lugar, **a alegria**. Seria um contra-testemunho para quem participa da Eucaristia, deixar-se dominar pela tristeza. A alegria cristã não nega o sofrimento, a preocupação, a dor. Seria uma ingenuidade, digna de riso. Mas nas lágrimas de quem semeia, a Eucaristia ensina a entrever a alegria da colheita. No sofrimento da sexta-feira santa, a Eucaristia faz-nos esperar a alegria da manhã de Páscoa. A Eucaristia ensina-nos a alegrarmo-nos com os outros, sem guardar para si a alegria recebida em dom (Sugestões AE, 30)

Em terceiro lugar, a **compaixão da misericórdia, ou seja a caridade**. Chamando-nos à comunhão com Ele, a entrar no seu coração, Deus consola-nos em todas as tribulações, para que possamos também nós consolar (II Cor.1,4) quantos se encontram em qualquer espécie de aflição?

Que a alegria do Senhor, seja a nossa fortaleza! E que essa fortaleza, nos torne mais diligentes e atentos uns para com os outros. De modo, a tornarmos, para todos, mais suave o jugo e mais leve a carga da vida!

**“Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos
e Eu vos aliviarei”!**

1. Não são de agora a pressa ou a pressão, nem o stress ou a depressão. As chamadas “doenças da moda”, minaram, desde sempre, e sem dó, as forças da razão e atingiram sem piedade as resistências do coração. Não têm época determinada estas doenças. Já no tempo de Jesus, pelos vistos, havia muita gente cansada e oprimida, pese embora a pasmação de uma certa cultura pastoril e agrícola, ainda sem relógios, a marcar o ponto. Havia gente cansada de viver, porque desprovida de sentido e de esperança. Gente oprimida pela tirania do poder romano ou sobrecarregada pelos preceitos da religião oficial. A falta de perspectivas de vida, o baixo índice de esperança, a dureza mal paga dos trabalhos de cada dia, compensada, muitas vezes, na procura errante de felicidades instantâneas, deitavam por terra os olhos de um povo santo, oprimido por fora e deprimido por dentro.

2. É a estes «cansados e oprimidos», é a nós, neste final de ano pastoral, escolar e laboral, que Jesus convida a ir até Ele, a acolher-se a Ele, a procurar n’Ele refúgio, abrigo, consolação e esperança: “Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei...” É o próprio Cristo que neste domingo de Verão nos desafia a entrar n’Ele, a repousar n’Ele, a sossegar n’Ele, a saborear n’Ele o mistério profundo do seu doce amor por nós! De facto, só Ele conhece o que há em nós. E porque “Deus é maior do que o nosso coração”, só Ele pode dar resposta às nossas inquietações, dores, esperanças e sofrimentos. Só n’Ele o nosso desejo de paz se cumpre plenamente. Só n’Ele o cansaço das horas e a opressão dos dias pode dar lugar ao gozo e ao repouso. «Fizestes-nos

para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansa enquanto não repousa em Vós»! (Sto. Agostinho).

3. Ao iniciar o tempo das férias, este apelo de Jesus pede uma resposta concreta, no sentido de partirmos firmes ao seu encontro. E põe-nos perante o desafio de viver o tempo livre, contemplando a criação com olhos límpidos e cheios de admiração, gozando essa beleza, sem lhe alterar o seu equilíbrio. Trata-se de aprender a louvar a Deus, pelas coisas mais simples que coloca nas nossas mãos: o sol e a sombra, a água e os frutos, os amigos e a família. Colocar-se nesta perspectiva de louvor, mesmo no meio de circunstâncias adversas, é talvez o melhor anti-depressivo que se pode tomar. Quando nos detemos no louvor, libertamo-nos do jugo servil do trabalho e do peso esmagador das preocupações de cada dia. Então o próprio descanso se torna experiência de libertação interior, de repouso sossegado, de gozo agradecido, de silêncio orante, de convivialidade cada vez mais próxima e amiga com Deus.

4. Na verdade, o homem novo, animado pelo Espírito de Deus, “não tem necessidade – nas suas férias - de falsos infinitos ou de superlativos do mais belo, do maior e do mais emocionante”... (João Paulo II, Homilia no Estado dos Barreiros, Estádio dos Barreiros, 12 de Maio de 1991, n.6)... fugindo da realidade dura da vida, com ilusões vendidas a preços de loucura. Precisa apenas de encontrar pouso e repouso, no coração manso e humilde de Cristo! É coisa para a qual não se precisa de crédito. Basta passar cartão a este Amigo, que não leva nada por nos acolher em sua casa e nos chama, de graça, para a mesa do louvor e da festa. Vamos até Ele, cheios de fé e de alegria!

Homilia no XIV Domingo Comum 1999

"Vinde, a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei"... Eis um convite extensivo a todos, neste tempo de repouso e de férias. Convite a privar da intimidade com o Senhor, no gozo da contemplação, no repouso da oração. Mas é hoje e particularmente um desafio àqueles a quem a ONU dedica este ano de 1999: os mais velhos.

Eles incarnam bem a figura daqueles a quem Cristo chama «os pequeninos» e aos quais é dado a conhecer os mistérios do Reino. Dito de outro modo, são eles os simples, que desprovidos da força humana, vencidos pela fraqueza da carne, dão lugar ao espírito da sabedoria e da paz. Num mundo, como no nosso, onde a competição, a força, o poder, o "salve-se quem puder" campeiam, são necessários "valores doces". Eles, os mais velhos, serão construtores dum mundo mais compreensivo e mais humano, de uma civilização da ternura e do amor.

Os que têm mais idade, pela experiência da vida, são portadores de um valioso património, essencial para que a sociedade se construa e avance com firmeza e segurança para o futuro. Eles são elos fortes entre o passado e o futuro e contribuem para que o presente não seja esvaziado de memória, de sentido e de orientação. É esse o seu lugar. É-lhes pedido, não tanto que façam coisas, com a ilusão de serem o, que facto, já não são. Mas que transmitam às gerações mais novas esse Dom da sabedoria (cf. CEF, *Os idosos*, n.1).

«E a sabedoria, é, para todos, conhecer e aceitar os seus limites. Sem ilusões sobre si próprio, aperceber-se das suas sombras, dos seus recantos, como se faria numa casa velha recebida por herança. Os limites fazem parte das

próprias coisas, como as cicatrizes fazem parte do corpo. E que repouso, que contentamento, que doçura de apreciação resulta do acto pelo qual se aceita, por fim, tal qual se é»!

"Vinde, a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei»... «Há, pois, um momento na velhice em que é necessário escolher não saber mais, não fazer mais, até ao dia onde será necessário aceitar ser um corpo estendido, depois de ter sido ele próprio eternamente mudado. Desfrutar-se-á então a suprema Sabedoria» (citações «...» de Jean Guittou). Por isso, se diz, entre os africanos, que quando morre um velho, arde uma biblioteca. Consultem-na, também em tempo de férias, estando perto dos mais velhos, como quem se senta junto à fonte da sabedoria!

“Vinde a Mim, todos os que andais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração”.

«**Vinde a Mim**». Entrai no abrigo do meu ser, na vida íntima do meu coração. É o próprio Cristo que neste domingo de Verão nos convida a entrar nEle, a repousar nEle, a sossegar nEle, a saborear nEle o mistério profundo do seu amor por nós!

Jesus, manso e humilde de coração, revela ao homem a humanidade de Deus. Em Cristo, Deus mostrou ter coração. Ele veio ao nosso encontro, para partilhar e conhecer as nossas dores, perscrutar os nossos pensamentos e desejos. O seu Coração, manso e humilde, pulsa nas vibrações do nosso coração, bate ao ritmo das nossas alegrias e esperanças, frustrações e anseios. Em Jesus, o coração de Deus penetrou este nosso mundo interior, entrou neste santuário íntimo e tornou-se Ele mesmo o hóspede do mais profundo do nosso ser.

De tal modo Deus segreda e habita o nosso coração, **que Ele mesmo se tornou mais íntimo a nós que nós a nós próprios** (Sto. Agostinho). Mas, tendo entrado em nós, deixou-nos assim mergulhar nEle. Por isso, Ele nos envolve no seu amor e só Ele nos pode preencher, sossegar, repousar... Jesus sabia que só Nele encontraríamos alívio. Só nEle o nosso desejo de paz se podia cumprir. Só nEle o cansaço das horas e a opressão dos dias podia dar lugar ao gozo e ao repouso. **«Fizestes-nos para Vós, Senhor, e o nosso coração não descansa enquanto não repousa em Vós»!** (Sto. Agostinho).

Por isso, neste tempo de férias, o apelo de Jesus: «*Vinde a Mim*» é um desafio a viver o tempo livre, como experiência de libertação interior, de repouso sossegado, de silêncio orante, de convivialidade mais próxima e mais amiga com Ele. Na Oração mais pausada. Na Eucaristia mais frequente, melhor vivida!

Um tempo de férias que não contemple este espaço de intimidade com o Senhor, um tempo gasto que não deixe mergulhar o coração humano na sua fonte, é um tempo de desgaste. Pois, negar ao coração o lugar certo do seu refúgio em Deus é uma traição, um engano.

«***Vinde a Mim***». O convite de Jesus espera resposta. Ele mesmo nos atrai para o refúgio do seu coração. Está aí, no coração de Cristo, a nossa fonte e a nossa plenitude. A nossa memória e a nossa Pátria. A nossa alegria e o nosso repouso! ***Vamos até Ele!***

XIV Domingo do Tempo Comum A 1993

1. A sabedoria simples e o orgulho dos inteligentes: Foi há tempos num grupo de reflexão. Havia letrados e ignorantes, doutores e analfabetos. De todas as idades. Abriu-se o Evangelho. Depois vinha a partilha. Com medo de asneira, alguns rebuscavam as palavras, mediam capítulos e versículos, faziam comparações e explicações, atiravam para os de fora todas as “verdades” de que se julgavam donos. Vieram os comentários. Cada qual o mais pensado. Com pontos e vírgulas. E disseram-se coisas interessantes. No fim, ao canto, o mais velho que só ouviu, porque não sabia ler, abriu a boca para falar. E disse: “Eu não sei dizer nada! Só sei que ao ouvir o Evangelho, fiquei porreirinho”! Sem mais. Foi este o mais sábio. Este compreendeu tudo. Mesmo que não tivesse palavras para dizer o que sentira. a este foram revelados os mistérios do Reino, o mistério da pessoa de Jesus, o mistério de Deus. Porque Deus não se conquista pelo esforço. Mas Deus revela-se sobretudo na experiência de uma relação, na abertura humilde de um coração, na pobreza simples de quem não tem nada e em Deus encontra o seu “Tudo”. Porque ao mistério de uma pessoa, muito mais ao mistério de Deus, chegamos por uma relação, íntima e pessoal, por uma adesão vital de todo o nosso ser. Os da cultura, com canudo e tudo, esses viram as palavras, mediram as frases, inventaram discursos, mas “compreenderam” o Evangelho. A ciência das coisas foi gerando neles um orgulho que serviu de barreira para a chegada do Evangelho. Os simples, despojados de todo o saber, desarmados de todo o poder, esses acolhem Deus como seu refúgio e n’Ele encontram consolação e alívio. Esses é que ouvem tudo, compreendem tudo, possuem a verdadeira sabedoria. Conhecem por dentro e por fora. Sem jeito para falar, olham a Vida e leem nEla os sinais de Deus. Deixam-se atrair pela verdade que procuram e encontram no Evangelho

o segredo do seu viver. Sem conhecer o alfabeto, sabem o Evangelho de cor. Porque o escrevem com a Vida.

2. Entre nós: simples e inteligentes: Pelo contrário, os que julgam donos da Verdade nunca a conhecem. Não porque a ciência seja obstáculo ao Evangelho. Mas pelo orgulho. Sei de gente que admira o Evangelho. Que até acha a Igreja mudada e para melhor. Mas que não vêm celebrar a fé connosco. Não aceitam isto e aquilo. Não vêm. Dizem que andam a interrogar-se sobre Deus, que ainda não chegaram a conclusões, como se Deus fosse uma evidência, uma conclusão atingida graças à sua douda inteligência. Dizem que são agnósticos e não sei que mais. Mas não dão a volta. Falta-lhes em humildade o que lhes sobra no saber. Já não querem perder o estatuto de bem-pensantes, de intelectuais, não praticantes. Têm medo de si mesmos. E Deus que até anda bem perto deles, não consegue entrar. O orgulho do que foram, do que julgam ou parecem “ser”, do que têm, funciona como barreira para acolherem o Evangelho. A esses, Deus não chega, porque o conhecimento de Deus passa pelo coração. Não são de outro tempo nem de outras terras. São de hoje e de cá. De Amarante.

3. Nas férias: viver segundo o Espírito com simplicidade: Em tempo de férias, deixemos a sacola e os livros, as revistas e telenovelas. Na soleira de uma porta há um ancião com sabedoria para os simples. Junto ao mosteiro, nas nossas ruas e esquinas, há monumentos de cultura, gente que aprendeu com o coração. Vamos escutá-los. Juntemos à ciência das coisas, que vem nos livros, a sabedoria de Vida, que nos vem da fé que vivemos, do Evangelho que escutamos, do Deus que celebramos. É assim o homem que vive segundo o Espírito: manso e humilde. Foi assim Jesus. E como os simples aprendem d’Ele. Sem cansaço nem jugos. Porque Deus é simples. Só para os simples.

SERMÕES
EM HONRA DE
NOSSA SENHORA DA
MISERICÓRDIA
1.º DOMINGO DE JULHO

Sermão em honra de Nossa Senhora da Misericórdia 2002

Liturgia do XIV Domingo Comum A

1. «**Eu te bendigo ao Pai, Senhor do Céu e da Terra**». Neste hino de louvor, Jesus exulta de alegria, glorifica o Pai e dá-lhe graças. E, ao bendizer o Pai, refere os motivos deste louvor: porque, apesar de tantas resistências e dificuldades, a sua Palavra é acolhida pelos mais pequeninos, a sua verdade é revelada aos humildes, a sua mensagem é bem recebida pelos pobres.

Certamente, entre estes mais pequeninos, figuram os mais simples e humildes, os idosos até, a quem Deus tanto ensinou com a vida, o amor e a dor. Esses, os idosos, precisamente, são os que mais sabem de Deus, mesmo quando nada sabem dizer d'Ele. São, entre tantos, aqueles que mais «*andam cansados e oprimidos*». Cansados pela vida. Oprimidos pela ingratidão dos homens.

2. A esses, «*aos mais pequeninos*», que a sociedade despreza e uma certa cultura ignora, Deus revela-se. Deus manifesta-se. Deus dá-se-lhes a conhecer. Porque *Deus resiste aos soberbos e revela-se aos humildes*. Estes, que o mundo despreza, vão até Ele, entram no seu coração, deixam-se amar. E, por isso, conhecem o Pai melhor do que ninguém. «*Quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é Amor*».

3. Mas, se pudermos imaginar o grupo dos «*simples e humildes*», dos «*pequeninos*», dos verdadeiros «*pobres*», que estavam diante de Jesus e eram a sua alegria, teremos de destacar a figura de **Maria de Nazaré**.

Ela conta-se entre eles, como a «*humilde serva*», como a pobre «*filha de Deus*» para quem o Senhor olhou. Aliás, esta exultação de Jesus, que hoje ouvíamos

(«Eu te bendigo ao Pai») ecoa no coração de Maria, com palavras muito semelhantes, quando ela exclama: **«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador».**

E os motivos de louvor, no Magnificat de Maria, são, uma vez mais, os mesmos que brotam na exultação do coração de Cristo: porque a misericórdia de Deus se manifesta aos mais «humildes», aos «famintos», aos pobres. Beneficiada primeira, de modo único e singular pela salvação, Maria pôde proclamar: *«a minha alma glorifica o Senhor e o meu Espírito se alegra em Deus meu Salvador!»* (Lc.1,46).

Maria reconhece-se agraciada pelo Dom da misericórdia divina. E por isso louva o Senhor de todo o coração, ao ser escolhida para Mãe do Salvador, louva-O mesmo adivinhando as imensas dificuldades e dores que a esperavam, desde o parto até à Cruz. Maria é, portanto, *«aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto é elevado. Neste sentido, chamamos-lhe “Mãe da misericórdia”, Nossa Senhora da Misericórdia, ou Mãe da divina Misericórdia»* (D.M.9).

4. Caríssimos irmãos: Fomos convidados por Jesus, a ir até Ele, e nEle repousar o coração. Vamos, pois até ao coração de Jesus, por meio do coração Imaculado de Maria. O trato assíduo com esta *Mãe da Misericórdia* ensinar-nos-á a ter sempre paz e a compadecermos-nos das necessidades do próximo. Contemplando Maria, que glorificava o Senhor, no meio de tantas dificuldades e exigentes surpresas, aprenderemos a louvar o Senhor, mesmo no meio de circunstâncias adversas.

Este sentido do louvor, é talvez o melhor *anti-depressivo* que se pode tomar, quando nos sentimos cansados e oprimidos. Se verdadeiramente, como Maria, nos detivermos continuamente no louvor de Deus, libertar-nos-emos então do jugo servil do trabalho, do peso esmagador das preocupações de cada dia, do cansaço acumulado dos anos da vida.

Confiemo-nos, pois, a Jesus, por meio de Maria. Na verdade, a Maria, nada lhe passou inadvertido, porque até os mais pequenos apuros dos homens se fizeram patentes ao amor que sempre lhe absorveu o coração. Ela tornará mais fácil o nosso caminho para Cristo, quando tivermos mais necessidade de descarregar n'Ele as nossas preocupações e de renovar o impulso da caridade.

5. Para esta «*Santa Casa*», chamada «*a acariciar e a confortar os seus filhos*», invocamos a Mãe da Misericórdia. Para que Ela «*cuide com amor materno, dos irmãos de seu Filho, que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra até chegarem à Pátria bem-aventurada*»... (LG 62), Ela que é «*sinal de esperança e de consolação para o povo peregrino*». E rezemos-lhe assim:

Nossa Senhora da Misericórdia:

“Mãe, dá-nos mãos carinhosas, para estes homens e mulheres que só têm rugas de pranto e solidão.

Lembra-te, Mãe, que eles não têm outra Mãe e têm um coração.

Mãe da Misericórdia,

procura aí no Céu,

as irmãs, Anjos vigilantes,

que iam de noite ver o doente

que morria.

Diz-lhe que ainda as lembramos

e lhe queremos bem.

Nossa Senhora da Misericórdia,

Rogai por nós. Àmen!

SERMÃO EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA MISERICÓRDIA 2005

Exulta de alegria, filha de Sião; solta brados de júbilo, filha de Jerusalém (Zc.9,9).

1. Faz-nos bem, neste primeiro dia da semana, acolher, de bom grado, o anúncio da alegria messiânica, o convite a entrar na alegria do Senhor.

‘A filha de Sião’, figura excelsa de todo o Povo de Deus em expectativa, e imagem da Igreja, que aguarda o Senhor em jubilosa esperança, bem pode cantar e vibrar de alegria, ao receber de mãos abertas, o seu Rei e Messias, humildemente escondido na Eucaristia!

Vimos aqui, estamos em Eucaristia, respondendo ao convite do Senhor, que nos chama à sua presença, a entrar e a repousar no seu coração, manso e humilde, para nos encher e preencher da sua alegria!

Sabe-nos bem, depois de uma atribulada semana, com os índices de pessimismo nacional no topo, sair do lamento e da lamúria, para nos abrimos ao louvor e ao agradecimento.

Reunimo-nos, neste dia do Senhor, para celebrar e cantar a alegria do coração habitado por Deus, a alegria da criação e da nossa salvação.

Vimos, para nos unirmos àquela acção de graças que Jesus dirige ao Pai; na Eucaristia, associamo-nos ao seu «*obrigado*», para dar graças, sempre e em toda a parte, para jamais esquecermos Deus, fonte e origem de todos os bens!

Vimos, cada domingo, para celebrar e saborear a alegria do encontro fraterno e da nossa amizade em Cristo, para compartilhar a alegria, recebida como dom de Deus e para que, em Cristo, a nossa alegria seja completa (Jo.15,11).

2. Também o próprio Jesus, nos faz entrar na alegria de Deus. “*Estremecendo de alegria, sob a acção do Espírito Santo*” (Lc.10,21), ele canta o seu Hino de louvor:

«Eu te bendigo ao Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e a revelaste aos pequeninos» (Mt.11,25).

É o mais belo canto do amor filial de Jesus, jamais entoado na Terra. Jesus está grato a Deus, pela sua existência entre os homens; é-lhe grato pela vida, grato pelos outros, grato pela fé dos simples.

Caríssimos irmãos:

3. Quer o convite à alegria, dirigido pelo profeta à *Filha de Sião*, quer o Hino de louvor, cantado por Jesus, nos aproximam realmente de Maria, que hoje e aqui celebramos como Nossa Senhora de Misericórdia.

3.1. A Mãe de Jesus, é verdadeiramente, e em pessoa, a “*Filha de Sião*”!

Deus veio viver no meio da nossa terra, habitando o seio de Maria. Ela vive de tal modo, que se torna um lugar para Deus, verdadeira arca da aliança. Por isso, Maria pôde escutar precisamente as mesmas palavras do anúncio, dirigido à Filha de Sião: «*Alegra-te*» (Lc.1,28). É o convite à alegria mais profunda, à nova alegria, que provém de Deus e que rompe o velho e infundável luto do mundo. Esta alegria provém da graça. «*Alegra-te, ó cheia de graça*».

3.2. Também a *oração de louvor*, contida e cantada por Jesus, no evangelho de hoje, atira o nosso olhar para a Mãe do Senhor. Ouvimos Jesus rezar, como que o seu «*Magnificat*». Jesus louva o Pai, por se revelar aos pequenos e assim exaltar os humildes. Certamente, Jesus inclui nesse louvor, e por excelência, o dom de sua Mãe, a humilde serva do Senhor, para quem o Pai olhou com especial benevolência. Nesta oração de louvor de Jesus, vibra o mesmo Espírito Santo e ecoa a mesma alegria de Maria, que glorifica o Altíssimo, pela sua grande misericórdia!

4. Queridos irmãos e irmãs: Vede bem, que esta alegria testemunhada por Jesus, e antes cantada por Maria, não ignora o sofrimento, a preocupação, a dor.

Por isso, Jesus, ao mesmo tempo, que se alegra e dá graças ao Pai, abre o seu coração à divina compaixão pelos homens, pelos cansados e oprimidos filhos de Eva! «*Vinde, a mim, todos os que andais cansados e oprimidos. Aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração*».

O mesmo coração alegre de Jesus, que dá graças ao Pai, é o coração solidário do Crucificado, sobre o qual será desferida a lança final. O mesmo coração alegre de Maria, que cantava o Magnificat, será depois, junto do Filho, trespassado pela espada da dor.

5. O coração, manso e humilde de Jesus, onde os homens se podem refugiar, manifesta aos homens a *compaixão* de Deus; ao acolher-nos assim, é Deus que se compadece de nós, com um amor, que lhe vem “*das entranhas*”, um amor, que mexe com as suas “*vísceras*”. Esta compaixão de Deus é definida, pela Bíblia, por uma palavra feminina “*rahamin*” que no singular, quer dizer «*seio*

materno». O amor de Deus tem por assim dizer, um carácter “feminino” e “materno”;

6. As nossas línguas não conseguiram traduzir esta palavra “*rahamin*” da «*compaixão*», mas a imagem da *Pietà*, a imagem da Mãe que chora o filho morto, tornou-se a tradução viva desta palavra. Para a piedade cristã, tornou-se especialmente cara essa imagem da Mãe sofredora, tornada *compaixão* profunda pelo Filho morto, repousando-lhe nos joelhos. Nela se torna manifesto o sofrimento maternal de Deus!

Nesta imagem de Maria, este sofrimento tornou-se visível e tangível. Maria, a Senhora da Piedade, a Mãe da Misericórdia, é a *compaixão* de Deus, representada num ser humano, que se deixou absorver inteiramente no mistério do amor divino.

Porque a vida humana é sempre sofrimento, a imagem da Mãe lacrimosa, imagem da *compaixão* de Deus, tornou-se tão importante para o cristianismo. Só em Maria, com o filho morto nos braços, a imagem da Cruz se cumpre inteiramente, porque é aí, a cruz assumida, a cruz partilhada, que nos permite, na sua *compaixão* maternal, experimentar a *compaixão* de Deus!

7. Apesar da dor, Maria não se desvia da alegria, pois a alegria que lhe foi anunciada não é a alegria banal. É a verdadeira alegria, aquela que nos permite amar até ao fim. É essa alegria verdadeira, que não é destruída pelo sofrimento, antes, pelo contrário, é levada por ele à sua maturidade. Só é verdadeira a alegria que resiste ao sofrimento e é mais forte que a dor. Assim, a dor da Mãe é, como a do Filho, a dor pascal, a dor, que transforma a entrega e a morte, em fonte e fruto de vida!

8. Queridos irmãos, das reflexões, que acabámos de fazer, a partir da Liturgia deste domingo, a partir do próprio testemunho de Jesus e de Maria, podíamos traçar, **três atitudes concretas**, que verdadeiramente nos ajudem a melhor celebrar e a viver, neste ano, a Eucaristia:

1. Em primeiro lugar, a atitude de **acção de graças**. Jesus louva o Pai. E também Maria louva o Pai por Jesus, com Jesus e em Jesus. Nisto consiste a verdadeira atitude eucarística (Ec. Euch.58). A Eucaristia é, por definição, Acção de graças. Saibamos ser gratos e estar gratos. Saibamos dar graças a Deus, por tudo, sempre e em toda a parte, não só pelos dons recebidos, mas mesmo em ocasiões de dor e de prova (Sugestões, AE 25). É urgente que isto se faça, sobretudo na nossa cultura, que respira um tão ingrato esquecimento de Deus! (MND 26).
2. Em segundo lugar, **a alegria**. Seria um contra-testemunho para quem participa da Eucaristia deixar-se dominar pela tristeza. A alegria cristã (vemo-la em Maria, em Jesus) não nega o sofrimento, a preocupação, a dor. Seria uma ingenuidade, digna de riso. Mas nas lágrimas de quem semeia, a Eucaristia ensina-nos a entrever a alegria da colheita. No sofrimento da sexta-feira santa, a Eucaristia faz-nos esperar, como Jesus e Maria, a alegria da manhã de Páscoa. A Eucaristia ensina-nos a alegrarmos com os outros, sem guardar só para nós a alegria recebida em dom (Sugestões AE, 30)
3. Em terceiro lugar, a **compaixão da misericórdia, ou seja a caridade**. Chamando-nos à comunhão com Ele, a entrar no seu coração, Deus consola-nos em todas as tribulações, para que possamos também nós consolar (II Cor.1,4) quantos se encontram em qualquer espécie de aflição.

Maria que levava Jesus, escondido no seu ventre, corre apressadamente ao encontro da sua prima, para partilhar o jugo da idade avançada e lhe aliviar a carga da vida. *“Porque não fazer do Ano da Eucaristia um período em que as comunidades paroquiais se comprometam de modo especial a ir, com fraterna solicitude ao encontro de tantas pobrezaas do nosso mundo”, entre as quais se contará “a solidão dos idosos” (MND 28)?*

9. Maria, que glorificou o Senhor, pela sua grande misericórdia, desperte em nós sentimentos de **acção de graças e de louvor ao Pai** que está nos céus!

Maria, que cantou o hino da alegria, no seu Magnificat, nos ensine a exprimir a mesma **alegria do coração**, no canto jubiloso de cada celebração!

Nesta **Mãe compadecida**, Mãe da Misericórdia, todos nós que sofremos, temos a imagem mais pura da compaixão divina, que é a única verdadeira consolação. Porque só a compaixão pode curar a dor!

10. Que Maria, nos encha da sua misericórdia e nos conduza ao coração de seu Filho. Deste modo, receberemos consolação e fortaleza para tomar aos ombros a carga do irmão e assim tornar mais suave o jugo da vida de cada um.

Igreja da Misericórdia

Amarante, 3 de Julho de 2005

Liturgia do XIV Domingo Comum A

“Exulta de alegria, filha de Sião; solta brados de júbilo, filha de Jerusalém!”

(Zac.9,9)

1. Tal convite à alegria, dirigido pelo Senhor, à *Filha de Sião*, fixa, de imediato, o olhar da nossa fé, na figura excelsa da Virgem Maria. A Mãe de Jesus é, verdadeiramente, e em pessoa, a “*Filha de Sião*”! Ela vive de tal modo, que se torna um lugar para Deus, verdadeira “arca da aliança”, ventre da Palavra semeada por Deus. Por isso, ela mesma, Maria, pôde escutar, de viva voz, e precisamente dirigidas a si, as mesmas palavras que escutávamos neste anúncio à Filha de Sião: «*Alegra-te*» (Lc.1,28). É o convite à alegria mais profunda, à nova alegria, que provém de Deus e que rompe o velho e infundável luto do mundo. Esta alegria provém da graça, da proximidade libertadora de Deus, que vem até nós: «*Alegra-te, ó cheia de graça*».

2. Mas também a oração de louvor, cantada por Jesus, no evangelho de hoje, atira o nosso olhar, para a Mãe do Senhor! Ouvíamos Jesus rezar, como que o seu «*Magnificat*»: «*Eu te bendigo ao Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondestes estas verdades aos sábios e aos inteligentes e as revelastes aos pequeninos*». Apesar de tantas resistências e dificuldades, a sua Palavra é acolhida pelos mais pequeninos, a sua verdade é revelada aos humildes, a sua mensagem é bem recebida pelos pobres.

Certamente, entre os que acolhem na fé a Palavra, a meditam, interiorizam e vivem, destaca-se a figura de Maria. Por isso, Jesus inclui neste hino de louvor,

e por excelência, o dom de sua Mãe, «*a humilde serva do Senhor*», para quem o Pai olhou com especial benevolência. Assim, se pudermos imaginar o pequeno resto, dos «*simples e humildes*», dos «*pequenininhos*», dos «*verdadeiros pobres*», que estavam diante de Jesus e eram a sua alegria, teremos de realçar a figura de Maria de Nazaré. Não é difícil ver, como Maria se distingue, entre os verdadeiros pobres, os mais simples e humildes, que tudo fiam e confiam em Deus.

3. Não menos interessante, para a nossa reflexão, é a semelhança (não há coincidências), entre as palavras rezadas por Jesus e as que são proclamadas por Maria! (Ou não tivesse Jesus aprendido com Maria a rezar!) Também Maria exclama: «*A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador*». E os motivos de louvor, no seu Magnificat, são precisamente os mesmos que brotavam na exultação do coração de Cristo: porque a misericórdia de Deus se manifesta aos mais «*humildes*», aos «*famintos*», aos «*pobres*». Beneficiada primeiro, de modo único e singular pela salvação, Maria pôde proclamar, como verdadeira pobre e primeira redimida: «*a minha alma glorifica o Senhor e o meu Espírito se alegra em Deus meu Salvador!*» (Lc.1,46).

Maria reconhece-se então agraciada pelo Dom da misericórdia divina. E por isso louva o Senhor de todo o coração, ao ser escolhida para Mãe do Salvador, louva-O, mesmo adivinhando as imensas dificuldades e dores que a esperavam, desde o parto até à Cruz. Maria é, portanto, «*aquela que conhece mais profundamente o mistério da misericórdia divina. Conhece o seu preço e sabe quanto é elevado. Neste sentido, chamamos-lhe “Mãe da misericórdia”, Nossa Senhora da Misericórdia, ou Mãe da divina Misericórdia*» (D.M.9).

4. Caríssimos irmãos e irmãs: A partir daqui descobrimos, entre Jesus e Maria, uma verdadeira harmonia, neste coro do louvor perfeito; há mesmo entre Filho e Mãe, uma plena sintonia do coração! O coração de Maria e de Jesus afinam pela mesma nota, de alegria, de gratidão e de louvor, perante as maravilhas de Deus, em favor dos mais pequenos.

Por isso, diríamos que o convite final de Jesus a ir até Ele, a pousar e repousar no seu coração, tem implícito também o desafio a refugiar-se no coração imaculado de sua Mãe, Maria. De certo modo, se queremos sentir bater o coração de Jesus, precisaremos primeiro de encostar o nosso coração ao coração de Maria.

De facto, meus caros irmãos e irmãs: é bem verdade: “cada pessoa precisa de um centro da própria vida, precisa de um coração a jorrar, de uma fonte de verdade e de bondade, da qual possa beber e saciar-se, nas situações adversas e na fadiga de cada dia. Cada um de nós, quando se detém no silêncio, precisa de ouvir não só o palpar do seu próprio coração, mas, mais em profundidade, escutar o pulsar de uma presença divina de confiança, captável pelo sexto sentido da fé: é a presença de Cristo, coração do mundo. Ao lado do Coração de Jesus, veneremos o Coração Imaculado de Maria” (Bento XVI, Angelus, na Solenidade do Coração de Jesus 2008). Confiemo-nos sempre a Ela, à Mãe, com grande confiança.

5. E disso tivemos esta semana um testemunho tão comovente. Como não recordar aqui **Ingrid Betancourt**, a mulher libertada na passada quarta-feira, juntamente com três americanos e 11 militares colombianos, depois de seis anos como refém das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). A ex-refém disse que a operação do Exército colombiano, que lhe deu a

liberdade, esteve sob a protecção da Virgem de Guadalupe. As suas primeiras palavras, humilde e corajosamente, à frente das câmaras de televisão, foram uma autêntica oração de louvor: «*Dou graças, primeiro que tudo, a Deus*», disse ela. E acrescentou «*e agradeço à Virgem, a quem rezei todos os dias*». "*Estou convencida – disse ela – de que a minha libertação foi um milagre da Virgem*"! E convidou todos a rezar, agradecendo a libertação e pedindo pelos ainda prisioneiros. No fim do seu longo cativeiro, nem uma palavra de ódio, de azedume, de vingança ou retaliação, mas só uma palavra de louvor, de encanto, de gratidão a Deus, a brotar de um coração manso e humilde! Naquela mulher, lutadora e forte, o amor a Deus e o amor à Virgem Maria batem, em sintonia, no mesmo coração! Ela, contemplando Maria, que glorificava o Senhor, no meio de tantas dificuldades e exigentes surpresas, ensina-nos a louvar o Senhor, mesmo no meio de circunstâncias adversas!

6. Meus caros irmãos e irmãs: Se Jesus, ao louvar o Pai, pela verdade revelada aos simples, orientava o nosso olhar para Maria, de certo modo esse louvor conduz o nosso olhar para todas estas **santas mulheres**, do nosso tempo, que também hoje, dão testemunho da força poderosa e do poder libertador da oração; que dão testemunho desta mansidão do coração de Cristo, e da confiança do coração humano no coração imaculado de Maria!

7. Por isso, a concluir este sermão, gostaria de invocar a materna intercessão da Virgem, para quantos atravessam numerosas situações de sofrimento, de doença e de miséria material e espiritual. Na verdade, a Maria, nada lhe passou inadvertido, porque até os mais pequenos apuros dos homens se fizeram patentes ao amor, que sempre lhe absorveu o coração. Ela tornará mais fácil o nosso caminho para Cristo, quando tivermos mais necessidade de descarregar nEle as nossas preocupações e de renovar o impulso do amor aos outros.

Confiemo-nos, pois, a Jesus, por meio de Maria! Que Maria, nos encha a todos da sua Misericórdia e nos conduza ao coração manso e humilde de seu Filho. Deste modo, receberemos alegria, consolação e fortaleza, para tomar aos ombros a carga do irmão, e assim tornarmos mais suave o jugo da vida de cada um!

Pe. Amaro Gonçalves

Igreja da Misericórdia

Amarante, 6 de Julho de 2008

**EUCARISTIA COM OS CATEQUISTAS
DEPOIS DA REUNIÃO FINAL
DO ANO CATEQUÉTICO
2010-2011**

**PRECES E APRESENTAÇÃO DE SÍMBOLOS
NA MISSA VESPERTINA, COM CATEQUISTAS
NO FINAL DO ANO
(DEPOIS DA HOMILIA)**

ORAÇÃO PELAS FÉRIAS

(Depois da comunhão)

1 Pároco:

*Eu Te bendigo ao Pai,
Senhor do céu e da terra,
porque escondeste estas verdades aos simples
e as revelaste aos pequeninos!*

Catequistas 1 e 2: *(uma apresentando uma caderneta e outra como leitora)*

Senhor,
nesta celebração,
queremos confiar-Te aqueles
que entregaste às nossas mãos,
os nossos catequizandos,
desde os mais pequeninos aos mais jovens
todos aqueles que têm necessidade de Ti
e de conhecer o Teu amor!

Por todos eles,
obrigado, Senhor!

II Pároco:

*Sim, Pai, Eu te bendigo,
Porque assim foi do teu agrado.
Ninguém conhece o Filho senão o Pai
E ninguém conhece o Pai senão o Filho!
e aquele a quem o Filho o queira revelar!*

Catequistas 3 e 4 (*uma apresentando o Guia da Catequese e outra como leitora*):

Senhor,

Se não for a graça do Teu Espírito Santo,

a nossa catequese não passa

de informação religiosa,

de doutrina divulgada,

de propaganda da fé,

mas não chega a ser

conhecimento íntimo e vital

do Teu imenso Amor!

Para o anúncio e transmissão da fé,

Dá-nos um coração que crê,

que espera e que ama,

um coração que adora Cristo

e acredita na força do Espírito Santo!

III Pároco:

Vinde a Mim,

todos os que andais cansados e oprimidos

E eu vos aliviarei!

Catequistas 5 e 6: (*uma apresentando uma travesseira e outra como leitora*)

Senhor,

Tu és maior que o nosso coração.

Ao fim de um ano,

Queremos repousar em Ti!

Só em Ti, o nosso desejo de paz,
se cumpre plenamente.

Que a Tua Paz
seja a fonte secreta
que tudo sustenta.
Tudo provenha
dessa paz
sem vencidos nem vencedores,
dessa paz pronunciada ao mesmo tempo
com firmeza e doçura!

Senhor, só em Ti,
o cansaço das horas
e a opressão dos dias
pode dar lugar ao gozo e ao repouso.

*«Fizestes-nos para Vós, Senhor,
e o nosso coração não descansa
enquanto não repousa em Vós»!*

Dá-nos agora,
a sabedoria e confiança
do Semeador
que se deita a dormir,
porque é, enquanto dorme,
que a semente germina e cresce,
sem Ele saber como!

IV Pároco:

Tomai sobre vós o meu jugo

Porque o Meu jugo é suave e a minha carga é leve!

Catequista 7 e 8 *(uma apresenta a Bíblia e outra como leitora)*

Senhor,

às vezes fazemos do evangelho um fardo pesado

e vivemos a nossa fé,

como um triste encargo!

Dá-nos a graça

de anunciar a novidade permanente da Tua Palavra,

e de mostrar aos outros

a beleza e o bom senso da fé.

Ajuda-nos a levar a luz de Deus

a cada homem do nosso tempo,

com confiança e alegria!

V. Pároco:

E aprendei de mim,

que sou manso e humilde de coração!

Catequistas 9 e 10 *(Uma com a imagem do Sagrado Coração de Jesus e outra leitora)*

Senhor, manso e humilde de coração,

faz-nos trilhar, a estrada da mansidão.

Ajuda-nos a contrariar a ferocidade do tempo,
fora e dentro de nós.

Dá-nos mansidão nas palavras
que tão facilmente se tornam impermeáveis
e nos propósitos,
que a competição empurra
para uma agressividade sempre mais dura.

Que cheguemos à mansidão das paisagens reconciliadas
como pequenos cursos de água
quase sem rumor,
a fazer florir a terra dos corações
onde semeámos a Tua Palavra!

PADRE CANTALAMESSA

XIV Domingo do tempo comum

Zacarias 9, 9-10; Romanos 8, 9.11-13; Mateus 11, 25-30

O escondido aos sábios e revelado aos pequenos

A passagem evangélica deste domingo, uma das páginas mais intensas e profundas do Evangelho, compõe-se de três partes: uma oração («Eu te louvo, Pai...»), uma declaração sobre ele mesmo («Tudo me foi dado por meu Pai...») e um convite («Vinde a mim todos os que estais cansados e fatigados...»). Eu me limitarei a comentar o primeiro elemento, a oração, pois contém uma revelação de uma importância extraordinária: «Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e aos prudentes e as revelaste revelado aos pequenos. Sim, Pai, porque assim o quiseste». Acaba de começar o Ano Paulino e o melhor comentário a estas palavras de Jesus é apresentado por São Paulo na primeira carta aos Coríntios: «De facto, irmãos, reparai em vós mesmos, os chamados: não há entre vós muitos sábios de sabedoria humana, nem muitos poderosos, nem muitos de família nobre. Mas o que para o mundo é loucura, Deus o escolheu para envergonhar os sábios, e o que para o mundo é fraqueza, Deus o escolheu para envergonhar o que é forte. Deus escolheu o que no mundo não tem nome nem prestígio, aquilo que é nada, para mostrar a nulidade dos que são alguma coisa. Assim, ninguém poderá gloriar-se diante de Deus» (1 Cor 1, 26-29).

As palavras de Cristo e de Paulo chamam a atenção em particular ao mundo de hoje. É uma situação que se repete. Os sábios e os inteligentes ficam afastados da fé, com frequência vêem com pena a multidão dos crentes, que reza, que crê nos milagres, que se agrupa ao redor do Padre Pio. Ainda que para dizer a verdade, não são todos os doutos, e talvez nem sequer a maioria, mas

certamente é a parte mais influente que tem à disposição os microfones mais potentes, a *chatting society*, como se diz em inglês, a sociedade que tem acesso aos grandes meios de comunicação.

Muitos deles são pessoas honestas e sumamente inteligentes e a sua posição se deve à formação, ao ambiente, a experiências de vida, e nem tanto a uma resistência diante da verdade. Portanto, não se trata de emitir um juízo sobre estas pessoas **com nomes e sobrenomes**. Eu mesmo conheço algumas delas e lhes tenho uma grande estima. Mas isso não deve impedir-nos de descobrir o núcleo do problema. O fechamento a toda a revelação do alto e, portanto, à fé, **não é causado pela inteligência, mas pelo orgulho**. Um orgulho particular que consiste na rejeição de toda dependência e na reivindicação de uma autonomia absoluta por parte do pensador.

Esconde-se por trás da trincheira da palavra mágica «**razão**», mas na realidade não é a famosa «**razão pura**», que o exige, nem uma razão «soberana», mas uma razão escrava, com as asas cortadas. Filósofos, que não podem ser acusados de falta de inteligência ou de capacidade dialética, escreveram: «O ato supremo da razão está em reconhecer que há uma infinidade de coisas que a superam» (Pascal). Outro dizia: «Até agora sempre se disse isso: ‘Dizer que não se pode compreender isso ou aquilo não satisfaz a ciência que quer compreender’. Este é o erro. É preciso dizer o contrário: quando a ciência humana não quer reconhecer que há algo que não pode compreender, ou de maneira mais precisa, algo que com clareza pode ‘compreender que não pode compreender’, ou de maneira mais precisa, algo que com clareza pode ‘compreender que não pode compreender’, então tudo fica transtornado. Portanto, **uma tarefa do conhecimento humano consiste em compreender que há coisas que ele não pode compreender, e descobrir quais são estas**»

(Kierkegaard). Quem não reconhece esta capacidade transcendente põe um limite à razão e a humilha; não o faz, portanto, o crente, que o reconhece.

O que eu disse explica o motivo pelo qual o pensamento moderno, depois de Nietzsche, substituiu o valor da *verdade* pelo da *busca* da verdade e, portanto, da sinceridade. Em certas ocasiões, esta atitude se confunde com a humildade (é preciso contentar-se com o «pensamento frágil!») e a atitude de quem crê em verdades absolutas se considera como presunção, mas é um juízo muito superficial. Enquanto a pessoa está em busca, ela é o protagonista, dirige o jogo. Uma vez encontrada a verdade, a verdade tem de subir ao trono e o buscador deve inclinar-se diante dela e isto, quando se trata da Verdade transcendente, custa o «sacrifício do intelecto».

Neste panorama cultural, cai como uma provocação o que Jesus diz no Evangelho de João: «*Eu sou a Verdade*», assim como o que diz depois na passagem evangélica: «*Ninguém vai ao Pai senão por mim... Vinde a mim todos os que estais cansados e fatigados e eu vos aliviarei*». Mas é um convite, não é uma reprovação, e está dirigido também aos cansados de buscar sem encontrar nada, a quem passou a vida atormentando-se, dando murros contra a rocha do mistério. O psicólogo C. G. Jung, em seu livro, diz que todos os pacientes de uma certa idade aos que havia atendido sofriam de algo que podia chamar-se «*ausência de humildade*» e não se curavam enquanto não alcançavam uma atitude de respeito por uma realidade maior que eles, ou seja, uma atitude de humildade.

Jesus repete também a tantos inteligentes e sábios honestos que existem no mundo de hoje seu convite cheio de amor: Vinde a mim todos os que estais

cansados e fatigados e eu vos darei esse alívio e essa paz que buscais em vão em vossos atormentados raciocínios.